

SANTANA: Um “bairro-cidade” dentro de São José dos Campos

Priscila Roberta de Moura¹, Maria A. Papali², Nadia C. Del Monte Kojio³,

^{1,2,3} Trabalho de Graduação em História - UNIVAP, priscila_moura23@yahoo.com.br, papali@univap.br, nadia_cdmk@hotmail.com

Resumo- Este artigo tem como objetivo apresentar à comunidade acadêmica as primeiras discussões que estão sendo estabelecidas em um Trabalho de Conclusão do curso de História da Universidade do Vale do Paraíba. O trabalho busca a memória histórica do “bairro-cidade” chamado Santana, conhecer sua formação, seu desenvolvimento e sua forma atual; entender como foi estabelecida sua “independência” econômica e política, dentro da cidade de São José dos Campos durante o período pré-industrial e sua posterior decadência, chegando a ficar esquecido pelo poder público municipal. Para tanto, procurará compreender como ocorreu o processo de industrialização dentro deste bairro e suas conseqüências no perfil de seus moradores, através da discussão do processo de povoamento e o crescimento de um afluxo de famílias buscando se instalar no bairro e arredores em busca de novas oportunidades de emprego.

Palavras-chave: Industrialização, Planejamento Urbano, História de São José dos Campos, Santana.
Área do Conhecimento: História

Introdução

A história de Santana é marcada por dois aspectos importantes de nossa história sócio-econômica: pelos deslocamentos de população das áreas rurais ou dos centros urbanos menos equipados para os grandes centros industriais, e pela penetração capitalista também no campo e a consequente liberação da mão-de-obra substituída, cada dia mais, pela maquinária e o êxodo rural incontrolável.

E essa história tem seu início exatamente com a chegada da estrada de ferro em São José dos Campos no final do século XIX. Santana ainda tinha como característica importante nesse período, sua localização periférica à Estrada de Ferro Central do Brasil. Era um bairro de tradição agrícola e a única ligação entre o Sul de Minas Gerais e o centro de São José dos Campos, tornando-o grande centro de atenção econômica e social. Situação essa que com a entrada do capitalismo industrial em São José dos Campos, proporcionou não mais sua valorização, mas sim sua decadência.

Observa-se que os bairros que ficaram à margem da estrada de ferro, além de outras características próprias, têm tradição, mas uma tradição anterior ao trem, garantindo-lhes privilégios nessa fase. Mas aquilo que foi um grande privilégio nos tempos das ferrovias, deixou de ser uma linha diretriz da ocupação do solo quando da entrada da industrialização, pois ela deixou à margem alguns desses antigos bairros de tradição, embora tivessem em muitos casos,

ligação íntima ao processo industrial, como reservatório residencial de mão-de-obra (LE MOS, 1999, p.11).

Assim, diante dessa situação, o Trabalho de Conclusão de Curso se torna relevante, ao resgatar os vestígios da memória do bairro de Santana, como uma forma de resistência e valorização da memória individual e ao mesmo tempo coletiva desse tradicional bairro joseense, em busca de sua valorização.

Metodologia

O trabalho de Conclusão de Curso estará amparado por entrevistas com a população do bairro estudado, utilizando-se ainda, referências bibliográficas e memória fotográfica acerca da cidade de São José dos Campos. A sua estrutura estará dividida em duas etapas. A primeira tratará da fundação e formação do bairro e de seu desenvolvimento. A segunda é uma apreciação das condições do bairro atualmente, formulado por seus próprios moradores.

Resultados

Ao elaborar as primeiras pesquisas do Trabalho de Conclusão de Curso observou-se que Santana é um território representativo da dinâmica industrial valeparaibana, através dos encontros de pessoas, tempos e mundos distintos e ainda continua sofrendo mudanças ocasionadas pela constante movimentação do meio urbano.

Antes da chegada da estrada de ferro e da industrialização, Santana tinha uma forte ligação com a agricultura e o comércio que advinha de Minas Gerais através dos tropeiros. Sua topografia para com São José dos Campos, que a colocou em destaque como zona industrial, o bairro se destacou como reservatório de mão-de-obra e deteve também as primeiras indústrias de cerâmica e têxtil do município (LESSA, 2001, p.85)

A primeira fase industrial de São José dos Campos e o início da segunda fase encontraram lugar em Santana, mudando definitivamente sua face.

Decorrente então da divisão do trabalho nos moldes do sistema fordista, do crescimento do êxodo rural e da ausência de um planejamento urbano neste bairro, a partir da década de 1950, Santana se reconfigura e sofre com a marcante presença da especulação imobiliária.

Até 1948, Santana compreendia poucas ruas que ficavam da Avenida Rui Barbosa até a rua da Matriz. O perímetro do bairro tinha início a partir dos trilhos da ferrovia, terminando no Rio Paraíba. Mas logo após 1948, muitos donos de chácaras começaram a lotear estas áreas nas proximidades do Rio Paraíba e em ambos os lados da Avenida Rui Barbosa. Logo, Santana se tornou o bairro mais populoso da cidade, contudo, com a chegada da Rodovia Presidente Dutra, em 1951 e do Centro Tecnológico da Aeronáutica, em 1946, o sentido da expansão industrial de São José dos Campos foi alterado, o que marcou o bairro fortemente.

A modernidade se fixou em outro eixo da cidade com a instalação das transnacionais ao longo da Dutra. O crescimento do setor imobiliário acabou marcando o processo de expansão da cidade através da emergência do mercado fundiário valorizado pela proposta estatal desenvolvimentista (LESSA, 2001, p.98)

Com o advento da industrialização e com o avanço do tecnicismo em São José dos Campos, Santana deixou de ser o centro das atenções das políticas públicas municipais, chegando hoje, em 2008, a ter problemas relacionados à violência; à especulação imobiliária, impulsionada pela valorização de áreas comerciais, e com problemas viários, provenientes de sua configuração espacial e do excesso de automóveis que trafegam por suas ruas estreitas.

Discussão

O bairro de Santana foi fundado em 1869, e já contava com alguns moradores, contudo, a fixação do núcleo deste povoamento e sua caracterização como entreposto comercial somente se deu com a chegada da Estrada de Ferro Central do Brasil, em meados de 1876 (OLIVEIRA, 1996, p.46). Essa mesma ferrovia que

viria contribuir mais tarde para a chegada das indústrias no decorrer do início do século XX.

O desenvolvimento do bairro tem uma forte ligação com a descoberta do ouro nas Minas Gerais, pois Santana era o acesso que levava os viajantes até Minas.

No Almanaque de São José dos Campos do ano de 1922, segundo o relatório da movimentação comercial em Santana, observamos que o bairro conquistara uma certa independência da cidade por meio do comércio próprio e por uma incipiente industrialização: "(...) existem 4 lojas de fazendas, 1 açougue, 1 bar, 2 salões de barbeiro, 3 padarias, 2 oficinas de ferreiro, 1 sapateiro, 1 machina de beneficiar café e arroz, 6 olarias e diversas pequenas fábricas de artigos de cerâmica (...). A indústria agrícola é regularmente desenvolvida. Nas diversas chácaras que circundam o bairro, cultivam-se café, canna, feijão, milho, arroz, mandioca e quasi todas as variedades de plantas frutíferas" (MONTEIRO, 1922, p.89)

No mesmo Almanaque, podemos ainda afirmar que Santana era uma micro cidade dentro de São José dos Campos, pois ele informa que: "(...) ao lado da Igreja de Sant'Anna está o 2º Grupo Escolar de São José dos Campos, Posto policial e Necrotério, edifícios esses construídos a expensas da Câmara Municipal" (MONTEIRO, 1922, p.96)

Nessa mesma época, década de 1920, com a chegada de doentes de tuberculose para se tratarem em São José dos Campos, o bairro de Santana se isolou do centro buscando com isso, evitar tal doença, o que em 1938, acabou por interferir no zoneamento da cidade.

Em 1925, é adquirido a primeira chacara (São José) para a construção da Tecelagem Parahyba e, na década de 1940, Pedro Rachid cedia sua chacara para a construção da antiga Rhodosá (hoje Rhodia) na estrada Grande. A partir dos primeiros anos da década de 1920, a situação do bairro muda quando a ferrovia foi retirada da área central, passando agora muito mais próxima de Santana. (LESSA, 2001, p.85)

Além do rio Paraíba, que por certo contribuiu para que o bairro figurasse na Planta Baixa da Cidade de 1938 como zona industrial do município, a zona industrial deveria se colocar do lado oposto às zonas sanatorial e residencial, que deveriam ficar situadas em local mais elevado da cidade. Devido a esses e outros fatores, o desenvolvimento de Santana foi impulsionado e o comércio se tornou sólido e movimentado (chegando até mesmo a suplantar o comércio de muitas cidades) e os jornais mencionam este bairro como um local próspero e destacado no município (BONDESAN, 1967, p.189). Contudo, é somente com a industrialização, que o bairro prospera rapidamente. Com a procura de novas

perspectivas de vida, muitas pessoas vindas de Minas Gerais, preferiam ficar próximas de seus parentes instalados em Santana, aumentando dessa forma a sua população. No final da década de 1920 instala-se em Santana a fábrica Tecelagem Parahyba (1925), o que proporcionou a vinda de novos imigrantes para esse bairro, assim como da população rural do próprio município, que vinha em busca de melhores condições de vida. Esta nova oportunidade de trabalho assalariado em fábricas faz com que muitos trocassem o campo pela cidade (OLIVEIRA, 1996, p.62). Logo podemos concordar com Hobsbawm (1995) quando diz: “A mudança social mais impressionante e de mais longo alcance deste século XX, e que nos isolou para sempre do mundo do passado é a morte do campesinato(...) maciço e silencioso, o êxodo do campo se deve ao progresso nos centros urbanos (...) quando o campo se esvazia, as cidades se enchem (...) o tempo da natureza foi trocado pelo tempo do relógio, símbolo do capitalismo (...)”. E finaliza sua conclusão: “A previsão de Marx de que a industrialização eliminaria o campesinato estava por fim se concretizando (...)” (HOBBSAWM, p.284). Com a instalação de uma grande indústria, logo teve como decorrência o início da migração do campo para a cidade. Com o começo da industrialização em São José dos Campos uma nova categoria começou a se fazer presente na cidade: o operariado assalariado, constituindo um fator de conflito urbano. Devido a essa população de Santana ter ligação com o campo, observamos a formação de um proletariado-rural, e com ele os interesses trabalhistas e as transformações nos costumes desta população que agora não é mais rural, mas sim “operariado urbano” no decorrer dos anos.

Santana continua crescendo e se desenvolvendo na área econômica, social e cultural. Economicamente, viu-se o bairro progredir por ser via de passagem do Vale do Paraíba para Minas Gerais e vice-versa, e pela instalação de indústrias nas décadas de 1920-1940.(OLIVEIRA, 1996, p.50) Na área social e cultural, observamos que a questão religiosa é muito forte neste bairro, pois sua ascensão foi impulsionada e profundamente marcada pela Igreja e pela figura do Monsenhor Luiz Gonzaga Alves Cavalheiro, a partir de sua chegada na década de 1940. Através de seu envolvimento na política, o pároco trouxe grandes benfeitorias para o bairro –escola, creche, hospital e melhorias urbanísticas- (PINTO, 2007, p.130). Todas essas inovações e a questão geográfica proporcionaram à Santana se tornar um bairro isolado, um “bairro-cidade”, como se pode observar ao longo de sua história. Geograficamente, observamos que o acesso cidade-bairro era dificultado pela subida da Av. Mário Galvão. Outro motivo seria que o distrito

de Santana estava separado pela própria topografia da cidade de São José dos Campos, que se acha localizada num planalto distante do distrito.

Segundo Pinto (2007), os santanenses se orgulhavam deste isolamento, pois não queriam ter contato com os doentes de tuberculose do Município. Acreditavam os moradores de Santana, que eles eram prósperos e sadios por causa de estarem na zona industrial e livres de estabelecimentos para o tratamento destes doentes (pensões e sanatórios), já o centro de São José dos Campos era menosprezado pelos santanenses devido ao tratamento da tuberculose, que se concentravam nessa região e por esse motivo, os moradores de Santana não se misturavam com os joseenses do centro. Existia uma certa rivalidade entre Santana e o centro da cidade nestas questões de saúde e no comércio também. Este isolamento significou uma fragmentação do todo, e Santana acaba se desvinculando do núcleo de São José dos Campos. E foi graças a essa desvinculação que o bairro de Santana, pelo menos, até a chegada da Rodovia Presidente Dutra em 1951, viu seu crescimento econômico, industrial e urbanístico. Logo, isto irá proporcionar e facilitar a dominação centralizadora por parte do Padre Luiz dentro do bairro até sua morte (1991) (PINTO, 2007, p. 68). A partir da década de 1960, vamos encontrar várias mudanças que iram ofuscar a história do primeiro e segundo período industrial no bairro de Santana.

Conclusão

Podemos concluir que é neste ponto do isolamento que podemos desenvolver a questão histórica do bairro e com ela as melhorias instaladas para os moradores no decorrer dos anos. Não podemos nos esquecer que com o processo histórico do pós-2^o guerra muita coisa iria mudar e com ela a situação privilegiada de Santana como zona industrial. Os problemas da urbanização, o crescimento do capitalismo, a nova ordem do trabalho e o consumo em massa iram desestruturar o operariado de Santana, no pós-guerra. Várias mudanças ocorreram em âmbito nacional e internacional, principalmente com a instalação no país a partir de 1950 de empresas multinacionais, o que hoje acarreta grandes problemas na vida da população santanense.

Referências

- **ÁLBUM de São José dos Campos para 1934**, org. por João Neto Caldeira. S.l: Bentivegna, 1934

- **ÁLBUM de São José dos Campos para 1951**, org. por Edward Simões e Jamil Mattar. SP: Revista dos Tribunais, 1951
- **ALMANACH de São José dos Campos**, org. por Napoleão Monteiro. s.l: s.n, 1922
- BONDESAN, Altino. **São José dos Campos em Quatro Tempos**. SP, Bentivegna, 1967.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & Abusos da História Oral**. RJ, FGV, 8º ed, 2006.
- HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**, Companhia das Letrinhas, 1995.
- LEMOS, Amália Inês Geraiges de. **Série Histórica dos Bairros de São Paulo: Itaquera**, vol 24, SP, Departamento do Patrimônio Histórico, 1999.
- LESSA, Simone Narciso. **São José dos Campos: o planejamento e a construção do pólo regional do Vale do Paraíba**, Campinas, SP: [s.n.], 2001.
- MEMÓRIA, Fotográfica: **São José dos Campos, 1916-1952**. org. por João Sócrates de Oliveira, SP, Pancrom, 1984.
- OLIVEIRA, J.B Soares de . **Sant'Anna- Caderno 1. São José dos Campos**, Estudo apresentado ao Município de São José dos Campos – Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal, 1996.
- PINTO, Carlos Alberto Fernandes. **Monsenhor Luiz: o homem, o sacerdote e o mito**; Ed. Mogiana, 2007.
- SANTOS, Ademir Pereira dos. **Arquitetura Industrial São José dos Campos**. SJC: Digital Press, SP, 2006.
- SODRÉ, Muniz. **O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia**. SP, Cortez, 1992